

*cres continuam o passado(...) ele explicou o seu gênio em assimilar, aprofundar, fecundar o que havia de certo nas experiências anteriores*<sup>28</sup>.

Conclui os autores que Machado de Assis, finalmente cumpria o programa de continuidade cultural, por canalização do influxo interno, e correspondente desprovinciação da consciência literária.

Cabe também para a arquitetura operar na revisão destes “interstícios” excluídos na construção da “ideologia nacional”, isto sem dúvida é um dos grandes desafios da reconstrução historiográfica da Arquitetura Brasileira.

**Maria Tereza Regina Leme de Barros Córdido.** Aluna de mestrado da EESC-USP, graduada em Arquitetura e Urbanismo em Santos. Trabalhou na Justiça Federal de 1ª Instância; no Arquivo do Estado de São Paulo contribuiu para a formação de sua editora, obtendo duas indicações para o prêmio Jabuti. Em Diadema, participou do programa de Urbanização de Favelas da Prefeitura Municipal.

## **SOBRE A HISTORIOGRAFIA DA ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA: OS LIVROS ‘ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA NO BRASIL’, DE YVES BRUAND E ‘ARQUITETURAS NO BRASIL 1900-1990’ DE HUGO SEGAWA**

Marília Santana Borges

lila.borges@uol.com.br

### **Introdução**

O presente trabalho apresentará um confronto entre dois importantes livros da historiografia da arquitetura brasileira no século XX: “Arquitetura Contemporânea no Brasil”, de Yves Bruand e “Arquiteturas no Brasil, 1900-1990” de Hugo Segawa. Buscarei mostrar de que forma os autores estruturaram suas obras e como diferentes métodos, procedimentos e contextos levaram a duas apresentações específicas sobre a arquitetura brasileira no século XX.

Inicialmente, farei uma breve contextualização sobre os autores e suas obras; em seguida, analisarei como se estruturam as abordagens dos livros; finalizando com uma sucinta conclusão.

Meu projeto de pesquisa tem como título “Arquitetura Moderna no Ceará - 1950/1980”, com o intuito de investigar o surgimento e consolidação da arquitetura moderna no Ceará, especialmente em Fortaleza, no período de 1950 a 1980, resultando na documentação e análise das principais obras representativas do movimento em questão. O estudo busca conceituar em que condições geográficas, históricas, econômicas, culturais e sociais tal arquitetura se desenvolveu, quais suas influências, relações e protagonistas, além de análise de sua história, sendo detectadas suas características e peculiaridades e sua repercussão no meio em questão.

Dessa forma, o entendimento dos caminhos trilhados pela arquitetura brasileira é imprescindível para um posterior confronto da produção e dos rumos tomados a nível local com o quadro nacional, sendo a compreensão mais ampla do panorama arquitetônico no Brasil um dos subsídios fundamentais para a apreensão dessas manifestações em contextos específicos.

### **Sobre os Autores**

Segundo Carr (1982, p.41), “antes de estudar a história, estude o historiador. Agora acrescentaria: antes de estudar o historiador, estude seu meio histórico e social.” Eis que, para compreender corretamente as abordagens dos autores sobre a arquitetura brasileira, faz-se necessário um breve entendimento da biografia dos mesmos e em que período e contexto as obras foram escritas.

<sup>28</sup> CANDIDO, Antonio, *Formação da literatura brasileira*, São Paulo, Martim, 1959, v.2, p.117-8, in ARANTES, Otilia Beatriz, ARANTES, Paulo Eduardo, *Sentido da formação*, Editora Paz e Terra, São Paulo, 1997, p.29.

Yves Bruand nasceu na França e formou-se arquivista paleógrafo pela Escola de Chartres. Veio ao Brasil como professor visitante da Universidade de São Paulo. Suas pesquisas orientavam-se para o campo da História da Arte e sobre a escolha do tema de sua tese, discorre o autor

“surgiu da constatação de que a arquitetura brasileira só conhecera dois grandes períodos de atividade criadora: o da arte luso-brasileira dos séculos XVII e XVIII, estudado por Germain Bazin numa tese recente, e o período atual, abordado apenas superficialmente em publicações de caráter documental.” (BRUAND, 1981, p.7)

Seu livro trata sobre a arquitetura brasileira no século XX até o ano de 1969, quando Bruand retorna à França e, em 1971, apresenta seu trabalho na *Université de Paris IV*, sendo publicado em português somente dez anos depois. Como é perceptível, o autor trabalhou com uma proximidade temporal significativa, já que na década de sessenta o movimento moderno no Brasil começava a seguir novos rumos e sentia o impacto inicial da realização de Brasília. Além do que, cabe destacar o caráter pioneiro da obra de Bruand, enquanto construção historiográfica da arquitetura brasileira no século XX, já que as anteriores publicações “*Brazil Builds*” (1943), de Philip Goodwin e “Arquitetura Moderna no Brasil” (1956), de Henrique Mindlin, focam-se mais no processo de construção dessa arquitetura e identificação de suas especificidades.

Hugo Segawa é arquiteto, formado em 1979 pela FAU/USP. cursou Mestrado e Doutorado na mesma instituição nos anos de 1988 e 1994, respectivamente. Antes da obra em questão, escreveu outros livros como “Arquiteturas no Brasil / Anos 80”, em 1989; “Casas Latino-americanas”, em 1994; “Ao amor do Público: Jardins no Brasil”, em 1996 e foi co-autor de “Oswaldo Arthur Bratke”, em 1997. Foi editor da revista Projeto e, conforme depoimento de Carlos Lemos (2001), Segawa é

“[...] um profissional interessado desde os tempos acadêmicos nessas questões teóricas, críticas e históricas de nossa arquitetura – e sua atuação permanente na imprensa especializada tornou-o grande conhecedor do panorama de nossas construções, sobretudo obras contemporâneas. Seu trânsito entre colegas em congressos, bienais, cursos e seminários também tornou-o atualizadíssimo.”

Atualmente é professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo.

Seu livro “Arquiteturas no Brasil, 1900-1990” foi lançado em 1997, em um contexto muito diverso da obra de Yves Bruand, servindo esta inclusive de parâmetro e fonte de pesquisa para o livro de Segawa. Fica evidente que o autor contou, em relação a Bruand, além de sua formação, com um maior distanciamento histórico, tendo também outros trabalhos do gênero como fonte bibliográfica: “Arquitetura Moderna Brasileira”, de Sylvia Fischer e Marlene Acayaba

(1982) e “Arquitetura Contemporânea no Brasil”, capítulo escrito por Carlos Lemos no livro “História Geral da Arte no Brasil” (1983).

Como percebemos, tratam-se de biografias e contextos diferentes, que produziram obras distintas mas igualmente significativas.

## Estruturação das Obras

O livro de Bruand configura-se como leitura básica indispensável e ainda insubstituível pelo amplo e consistente levantamento historiográfico sobre a arquitetura moderna brasileira. Logo no início, o autor evidencia a ausência de um trabalho metódico e relevante, enquanto historiografia, sobre essa produção. Bruand faz uma abordagem sistemática do movimento, principalmente através de protagonistas e realizações, o cerne de sua pesquisa, com um vasto e rigoroso levantamento documental, indo além da mera catalogação ao “[...] examinar os monumentos não apenas em seus valores intrínsecos e em função de sua estética, bem como considerando sua situação no tempo e suas filiações perceptíveis, a fim de tentar revelar sua evolução e seu significado histórico.” (BRUAND, 1981, p.7) Assim, o ponto de partida de seu livro é uma análise dos condicionantes geográficos, econômicos, históricos e sociológicos, apontando-os como fundamentais na configuração da arquitetura colonial e moderna brasileira: “a arquitetura depende diretamente das condições materiais, e excluir os aspectos históricos e geográficos dentro dos quais ela se desenvolveu implicaria não compreender seu significado e sua própria razão de ser.” (BRUAND, 1981, p.11)

A obra estrutura-se em três partes principais: a primeira expõe a situação da arquitetura brasileira no início do século XX, quais ‘estilos históricos’ dominavam até então, abordando também o processo de surgimento e afirmação da nova arquitetura no Brasil; a segunda parte examina os desdobramentos da arquitetura brasileira e suas diversas interpretações no que Bruand chamou de “maturidade da arquitetura brasileira”; já a terceira e última parte trata das relações entre arquitetura e urbanismo, focando nas cidade de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Goiânia, Belo Horizonte e Brasília.

Bruand (1981, p.8) explicita que não aceita o termo “arquitetura moderna” para designar uma arquitetura que ele entende por contemporânea, como mostra o título de seu livro, sendo

“o adjetivo ‘moderno’ [...] de modo algum conveniente, pois contém apenas uma noção de tempo aplicável ao conjunto da produção de uma época e não unicamente uma de suas partes; substituir sua aceção cronológica por um elemento de valor é um contra-senso, hoje infelizmente muito comum.”

A obra, amplamente ilustrada com desenhos e fotos, por vezes incorre em explicações psicologistas e pelo excesso de rigor técnico, com ênfase nos aspectos plásticos-formais, em suas análises.

Já Segawa (1997, p.13) inicia o prefácio do seu livro alertando para o risco de se escrever um estudo sobre a arquitetura brasileira do século XX reproduzindo “[...] *uma visão totalizadora que apaga as diferenças, exalta as formas dominadoras e dissimula a diversidade.*” Nesse sentido, seu trabalho se iguala ao de Bruand no intuito de preencher as lacunas e alertar para as omissões da historiografia. Mas Segawa trabalha justamente em cima do livro que ele considera o mais completo dossiê sobre arquitetura moderna, “Arquitetura Contemporânea no Brasil”, com o intuito de reparar as ausências e suas posições historicamente datadas, dado a proximidade temporal de Bruand com o movimento, além de seu olhar estrangeiro e predominantemente ‘modernista’.

“O autor francês, embora não sendo arquiteto, assimilou todos os preconceitos modernistas contra a arquitetura do ecletismo [...]. Bruand dedicou-se principalmente ao Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Brasília, deixando descoberto outras importantes regiões, eludindo a diversidade da produção arquitetônica brasileira.” (SEGAWA, 1997, p.15)

Assim, é intenção do arquiteto que seu livro apresente um panorama arquitetônico mais abrangente, com “*uma postura que se avizinha às tendências da fragmentação ‘regulamentada’ do conhecimento, como que uma reação às grandes leituras totalizadoras.*” (SEGAWA, 1997, p.13), cedendo espaço às diferenças, revendo a linha historiográfica até então dominante, e “[...] *resgatando algumas interpretações sobre o moderno em arquitetura, [já que] não há definição unívoca de modernidade [...]*” (SEGAWA, 1997, 16)

Na busca de reconhecer outras facetas da modernidade brasileira, Segawa (1997, p.15) adotou a noção de “processo”, pretendendo mostrar

“os processos de constituição da nossa arquitetura moderna em matizes diversos, caracterizando modernidades distintas, que intitulam os capítulos. Nesse sentido, não privilegiei arquitetos (exceções honrosas a Warchavchik, Niemeyer, Lúcio Costa e Vilanova Artigas, tampouco obras (também com exceções), mas a inserção de arquitetos e obras no debate cultural e arquitetônico num certo recorte da história.”

Em seu livro, o autor não trata de um único processo, mas de distintos processos, justapostos no tempo, que abordam modernidades e modernismos diferentes, permitindo assim a contextualização e inserção de protagonistas e obras que ficaram de fora da narrativa. Sônia Marques e Guilah Naslavsky (2001) alertam que

“de todo modo, a questão da periodização supõe uma ruptura: está implícito de que houve um tempo em que a arquitetura não era moderna e que depois, através de um processo – para usar a categoria reinvidicada pelo autor – o movimento moderno, ou melhor ainda, modernismos e modernidade se consolidaram.”

Segawa classifica diferentes modernismos onde

“[...] o reagrupamento das obras em cada um dos modernismos resultantes dos processos tem como critério características formais [...] evidentes. Isto poderia ser facilmente atribuído ao fato de que os próprios processos implicariam em partilha de valores estéticos formais. O mais importante, no entanto, é que a correlação entre processo e modernidade não implica [...] num estudo isonômico para todos eles. Não se trata de dizer qual foi a modernidade melhor ou menos válida. A hierarquia é dada sobretudo pelo critério que retoma a discussão da genealogia.” (MARQUES, NASLAVSKY, 2001)

O arquiteto inicia o livro abordando algumas transformações sofridas nas principais cidades brasileira no início do século XX, empreendidas principalmente por médicos e engenheiros sanitaristas, futuro palco da modernidade arquitetônica. No capítulo “Alguma Modernidade”, o Movimento Neocolonial e os primeiros passos no sentido de um racionalismo construtivo são destacados; em “Modernismo Programático”, evidencia-se a influência européia e o papel de Warchavchik como pioneiro e agitador cultural; em “Modernismo Pragmático”, diferentes vertentes são abordadas, a partir da modernização da construção e da disseminação de uma nova compreensão para a arquitetura; em “Modernidade Corrente” é salientado o processo histórico que resultou no pioneirismo carioca; em “Afirmção de uma Escola”, destaca-se a repercussão internacional da arquitetura brasileira no cenário internacional e suas especificidades, culminando em Brasília; em “Afirmção de uma Hegemonia”, destaca-se a consolidação e difusão pelo país da “Escola Carioca”, e sua continuidade nas obras que seguiram a “Linha Paulista”; e nos dois últimos capítulos Segawa mapeia importantes episódios que demonstram o desenvolvimento da arquitetura brasileira, encerrando enfim o livro com os questionamentos a cerca do movimento moderno, a pluralidade que marca a produção mais recente, e lançando uma série de dúvidas e questões sobre os rumos da arquitetura nacional para reflexão de todos.

## Conclusão

O presente trabalho procurou apresentar dois livros fundamentais para historiografia da arquitetura brasileira: “Arquitetura Contemporânea no Brasil”, de Yves Bruand, e “Arquiteturas no Brasil, 1900-1990” de Hugo Segawa.

Yves Bruand, paleógrafo francês, produziu um importante dossiê sobre a arquitetura brasileira no século XX até a década de 60, realizando um trabalho que conta com uma amplo levantamento de fontes e é extremamente rico em desenhos e imagens. Destaca-se o caráter pioneiro da obra, produzida em um período marcado pela ausência de produções do gênero, tornando-se assim leitura fundamental e ainda insubstituível sobre o tema.

O livro de Bruand faz uma abordagem sistemática do movimento, a partir de uma análise das condições geográficas, históricas e sociais do Brasil, dados fundamentais, segundo o autor, na compreensão de nossa arquitetura. A narrativa desenvolve-se através de seus principais arquitetos e obras, com enfoque maior nas produções dos centros Rio de Janeiro e São Paulo, ressentindo-se uma maior abrangência, englobando outras regiões do país e suas realizações. Destaca-se uma supremacia da arquitetura carioca, enquanto a arquitetura paulista apresenta-se, em tom menor, como contraponto.

No próprio prefácio do livro, Bruand (1981, p.7) adverte:

“É impossível conhecer tudo, e pode ocorrer que obras importantes tenham escapado ao registro [...]. A abundância de obras obriga, por outro lado, a se proceder a uma seleção [...] . É claro que realizamos essa seleção com a máxima objetividade, mas seria presunçoso admiti-la como inteiramente justificável num futuro mais ou menos remoto [...]”

Nessa seleção, surgem algumas lacunas importantes na obra de Bruand, como, por exemplo, a interessante produção, desenvolvida a partir da década de 40, dos conjuntos habitacionais construídos pelos Institutos de Aposentadorias e Pensões (IAP's), obras de caráter social e constantemente marginalizadas pela historiografia brasileira.

É fato que o discurso de Bruand é marcado por um forte entusiasmo e por uma visão otimista desta arquitetura, acabando por construir um panorama demasiado homogêneo, onde sua postura, apesar de engajada, torna-se pouco crítica. Sua proximidade temporal ao movimento o embuiu do espírito apologetico da arquitetura moderna. Porém, essas constatações não comprometem o valor de sua obra na historiografia da arquitetura brasileira.

Já a obra de Segawa, arquiteto paulista formado pela FAU-USP, estrutura-se de maneira diversa, apresentando diversos processos que resultaram em modernidades distintas, segundo uma classificação estabelecida pelo autor. A narrativa criada configura-se como um contexto no qual arquitetos e obras eventualmente não contempladas no livro podem ser incorporados.

O livro contribui ao ampliar e reconhecer diferentes facetas da arquitetura brasileira pré- e pós- Brasília, expandindo também o território de trabalho e análise. É fato que essa postura acarretou em algumas abordagens mais superficiais, incorrendo também em algumas insuficiências discursivas e conceituais nas diversas modernidades e na ausência de um maior rigor metodológico. Mas o texto de Segawa destaca-se pelo seu caráter didático e por fornecer um amplo panorama da arquitetura brasileira no século XX, ao tentar romper com uma linha de abordagens historiográficas totalizadoras.

Indiscutivelmente, com seus méritos e limitações e dentro de seus contextos, fica clara a importância de ambos os livros, não somente para a historiografia da arquitetura brasileira, mas também para uma maior compreensão de nossas questões contemporâneas.

#### **Bibliografia**

BRUAND, Yves. **“Arquitetura Contemporânea no Brasil.”** Trad. Ana M. Goldberger. São Paulo: Perspectiva, 1981.  
CARR, E. H. **“Que é História?”** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.  
SEGAWA, Hugo. **“Arquiteturas no Brasil. 1900-1990.”** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

#### *Dissertações*

FARIAS, Agnaldo. **“Arquitetura Eclipsada: notas sobre historia e arquitetura a propósito da obra de Gregori Warchavchik, introdutor da obra moderna no Brasil.”** Dissertação, EESC, Universidade de São Paulo. Campinas, 1990.  
MARTINS, Carlos Ferreira. **“Arquitetura e Estado no Brasil: elementos para uma investigação sobre a constituição do discurso moderno no Brasil: a obra de Lúcio Costa 1924-1952”** Dissertação, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1987.

#### *Artigos*

- BOGHOSIAN, Marianna. **“Trabalho Final da Disciplina AUH-533 Fundamentos à Crítica de Arquitetura e Urbanismo”** São Paulo, 2002.  
- LEMOS, Carlos. **“Histórias da Arquitetura – Resenha do livro Arquiteturas no Brasil 1900-1990, de Hugo Segawa”** São Paulo, 2001. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/resenhas/textos/resenha017.asp>>  
- MARQUES, Sônia & NASLAVSKY, Guilah. **“Estilo ou causa? Como, quando e onde? Os conceitos e limites da historiografia nacional sobre o Movimento Moderno.”** São Paulo, 2001. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp065.asp>>  
- ZEIN, Ruth Verd. **“Resenha do livro Arquiteturas no Brasil 1900-1990, de Hugo Segawa”** São Paulo, 2001. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/resenhas/textos/resenha024.asp>

**Marília Santana Borges.** Arquiteta e urbanista graduada em 2000 pelo Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará. Em 2004 ingressou no mestrado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo na área de História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo, tendo como objeto de pesquisa a Arquitetura Moderna no Ceará. Já foi bolsista em cursos na Alemanha e na França.